

ANALISES SOBRE O NORDESTE DO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS (1959-1964)

ARTHUR VICTOR GONÇALVES GOMES DE BARROS*

1. Introdução

Para entendemos as relações do Nordeste do Brasil com os Estados Unidos é preciso realizar algumas considerações a respeito do cenário nacional e internacional. No governo de Juscelino Kubitschek (1956-61) o país experimentou um notável crescimento econômico. Novas indústrias foram instaladas no país, assim como obras de infraestrutura foram realizadas com a intuição de transformar a imagem arcaica do Brasil. Este momento de desenvolvimento ficou conhecido pelo slogan “cinquenta anos em cinco”.

O desenvolvimento econômico favoreceu ao eixo sul-sudeste, enquanto outras regiões no país passaram despercebida pelo programa de industrialização sendo o Nordeste uma delas. Região historicamente esquecida pelas políticas do governo federal sempre enfrentava grandes dificuldades, principalmente quando era submetida aos longos períodos de seca. Esta situação de calamidade faziam com que muitos habitantes daquela região buscassem no êxodo rural uma alternativa para fugir dos problemas do campo e buscar nas grandes metrópoles – principalmente São Paulo e Rio de Janeiro – melhores condições de vida e trabalho. Embora muitos optassem por fugir dos problemas outros poucos resolveram se organizar, passando a reivindicar melhorias na região. Motivados na luta pela reforma agrária e condições dignas de vida alguns camponeses passaram a se organizar em cooperativas que logo chamariam a atenção do governo norte-americano.

No plano internacional a Guerra Fria havia chegado ao continente latino-americano com a vitória da guerrilha iniciada em Sierra Maestra, em Cuba, por um grupo liderado pelos irmãos Castro e o jovem guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara. Em 1º de janeiro de

* Graduado em História, atualmente é mestrando do Programa de Pós-graduação em História pela linha de pesquisa Relações de Poder, Sociedade e Ambiente da Universidade Federal de Pernambuco. O mesmo é bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE).



1959 o governo do ditador Fulgencio Batista foi derrubado e em seu lugar foi instalado um governo revolucionário popular. A chegada de Fidel Castro e consequentemente a

transformação em governo socialista em 1961 fez com que a política dos Estados Unidos para América Latina mudasse radicalmente¹. O triunfo da Revolução Cubana proporcionou um novo caminho a ser seguido por grupos revolucionários na América Latina. A figura de Fidel Castro passou a inspirar uma série de pessoas em toda América Latina².

No Nordeste do Brasil, um dos principais movimentos de luta pelos direitos dos populares foram as Ligas Camponesas organizadas pelo deputado e advogado Francisco Julião. Sob o lema de “Reforma agrária na lei ou na marra” e inspirados por figuras como Fidel Castro e Mao Tsé-tung, tomando como exemplo das revoluções cubana e chinesa, os camponeses estavam dispostos a transformar o Nordeste em uma região acentuada por convulsões sociais. Com a possibilidade do triunfo de uma nova revolução no continente o recém eleito presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy coloca o Nordeste em foco na sua agenda presidencial.

Pretendemos neste artigo demonstrar como a região Nordeste – um risco eminente ao imperialismo estadunidense – passou a preocupar o governo norte-americano. No primeiro momento procuramos realizar uma análise de como o cenário de pobreza da região contribuiu para que alguns populares buscassem uma organização em busca de melhores condições de existência. O que nos leva ao segundo momento onde procuramos demonstrar a organização dessas pessoas em torno das Ligas Camponesas. Por fim procuramos realizar um breve comentário sobre as relações dos Estados Unidos com a América Latina antes e depois da Revolução Cubana de 1959, demonstrando como se deu a penetração norte-americana no Nordeste através do programa de ajuda econômica denominado Aliança para o Progresso aumentando sua relação com a chamada “região problema”³.

2. O Cenário

O Nordeste do Brasil, segunda maior região do país contava com aproximadamente 30 milhões de habitantes entre os anos de 1950 e 1960. Historicamente sofria de graves

¹ FICO, Carlos. **O Grande Irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

² HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.428.

³ A respeito deste termo consultar: GRYNSZPAN, Mario. DEZEMONE, Marcus. **As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964)** in FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão (orgs). **As Esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

problemas desde os tempos da colonização. A concentração de terras nas mãos de grandes latifundiários pode ser apontado como um dos motivos:

A concentração histórica da propriedade da terra no Brasil, que, no topo da hierarquia social, nas mãos dos grandes proprietários, chamados de latifundiários, gerava um acúmulo enorme de poder econômico, social e político, ao mesmo tempo que, na base, distribuía miséria, fome, más condições de vida, de saúde e de educação (GRYNSZPAN; DEZEMONE, 2007: 213).

O problema do latifúndio segundo os historiadores Grynszpan e Dezemone resultava em uma grande distribuição de miséria, fome e más condições de vida para os camponeses. A taxa de analfabetismo na região é outro problema chagando a alcançar 80% da sua população⁴. Embora os problemas existissem a bastante tempo uma boa parte da população brasileira desconhecia-os. Foi durante a grande seca de 1958 que o outro lado do Nordeste passou a ser conhecido pela população.

O jornalista Antônio Callado visitou alguns Estados do Nordeste em 1958 e em 1959 publicou uma série de reportagens para o jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, relatando a difícil situação que havia testemunhado. Nas matérias procurava descrever o Nordeste que poucos conheciam. Callado realizou esta viagem a pedido do economista Celso Furtado. Os resultados obtidos nesta viagem ajudaram na reflexão que a região sofria com a ineficiências dos órgãos federais responsáveis para combater a seca, além dos seus problemas originais. Callado escreveu sobre uma indústria que se fortalecia sob o sofrimento do povo:

Escreveu sobre uma indústria que encontrou em pleno desenvolvimento numa terra nua onde não se pensava que qualquer indústria pudesse sequer existir. Os artigos publicados em setembro de 1959, expuseram à publicidade nacional os “industriais da seca”, ricos proprietários que estavam tirando lucros tremendos do auxílio federal contra as secas (PAGE, 1972: 83).

A máquina pública estava favorecendo determinados setores que utilizavam os recursos federais para benefício próprio, gerando o que Callado descreve como os industriais da seca. O órgão federal responsável pelo combate à seca e que até então não estava desempenhando a função é o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas⁵ (DNOCS), que para o mesmo seria o “brinquedo de engenheiros mais caro do mundo” (CALLADO, 1980: 141). As construções realizadas pelo DNOCS a fim de conter o problema da seca na

⁴ Para maiores informações ler: PAGE, Joseph. **A Revolução que nunca houve: o nordeste brasileiro (1955-1964)**, p.83.

⁵ “Dentre os órgãos regionais, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, se constitui na mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste. Criado sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas - IOCS através do Decreto 7.619 de 21 de outubro de 1909 editado pelo então Presidente Nilo Peçanha, foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido”. Informação retirada do sítio: <http://www.dnocs.gov.br/> acesso em 30 jul. 2014.

região eram vistas como obras eleitorais e que apenas alimentavam os industriais da seca sem atender os anseios da sofrida população:

A irrigação resultante desses projetos de obras públicas enriquecia os proprietários no sertão da noite para o dia. A decisão quanto ao local dos açudes constituía assunto puramente político, não dependendo da alocação racional de recursos, mas das disposições dos políticos locais que eram proprietários de terras. Esses haviam ganho o controle do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), [...] e, portanto, construíram açudes para satisfazerem os seus próprios interesses (PAGE, 1972: 83-84).

Esta pratica contribui para a propagação da desigualdade social e é agravada graças à “ineficiência de políticas sociais e de combate à seca elaboradas e executadas pelo governo federal, mas especificadamente pelo [...] DNOCS” (PORFÍRIO, 2009: 38). Assim o órgão responsável pelo combate à seca no Nordeste estava, em sua maioria, a serviço dos grandes latifundiários.

Outro problema da região era a fome. De acordo com um relatório produzido em 1958 pela Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO)⁶, o “consumo médio diário de alimento no Nordeste era do montante de apenas 1.990 calorias, consideravelmente abaixo das mínimas recomendadas, 2.500” (PAGE, 1972: 32). A má alimentação do camponês provocava sérias doenças e conseqüentemente reduzia a expectativa de vida. Nos anos 1950 a expectativa de vida do habitante do campo giravam em torno de 35 anos, quando este não era vítima da violência dos latifundiários. A mortalidade infantil alcançava níveis altos e as doenças faziam suas vítimas. Tomemos como exemplo a precária condição que vivia o camponês de acordo com alguns relatos da época:

Um estudo das crianças na zona açucareira revelou que somente 4,4 por cento eram amamentadas pelas mães depois de ultrapassarem a idade de seis meses. A razão mais comum era que a mãe não tinha leite para amamentar. Outras causas incluíam doença por parte da mãe ou da criança, ou uma nova gravidez. Uma vez privadas do leite materno, essas crianças passavam a uma dieta seriamente deficiente em vitaminas e proteínas. Entre os legados da subnutrição na infância estão: a fadiga, o nervosismo, um limitado alcance da atenção e um inadequado desenvolvimento muscular (PAGE, 1972: 32).

Este primeiro é extraído do livro do brasilianista Joseph Page e traz uma pesquisa realizada por nutricionistas da Universidade Federal de Pernambuco avaliando os impactos da subnutrição das crianças nos seus primeiros anos de vida. Nota-se que o problema da subnutrição atingia não só as crianças como também suas mães. O leite materno tão importante para o desenvolvimento inicial da criança era limitado por um determinado

⁶ Disponível em: PAGE, Joseph. **A Revolução que nunca houve: o nordeste brasileiro (1955-1964)**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

momento. As crianças eram submetidas a uma pobre dieta de vitaminas e proteínas, úteis para um saudável desenvolvimento. A consequência dessa má alimentação resultava em uma grande taxa de mortalidade infantil. Junto a este problema havia algumas doenças ocasionadas pelas precárias condições sanitárias:

Ao meu lado, Celeste, professora de Vitória [...] me mostra João José da Silva, pai de três crianças sentadas no chão de terra de uma choupana, nuas, miúdas, uma de 4, outra de 3, outra de ano e meio, pequenina a mais não poder. Celeste perguntou ao pai o que é que as crianças comiam: 'farinha e sal'. Minha mulher foi embora para não ver isso. Depois o horror maior, a visita à casa de João Damião e Maria Albina da Silva, que tem oito filhos atacados de bexigas⁷ há um mês. As crianças mais velhas. Severino e Maria de Lourdes, estão cobertas de bexigas no meio daquelas 500 pessoas do engenho, nenhuma vacinada (CALLADO, 1980: 68).

A partir dos relatos publicados no jornal *Correio da Manhã*, Celso Furtado elabora um documento conhecido como Relatório Furtado a pedido do presidente Juscelino Kubitschek. O documento relatava os problemas da região e deu ênfase “à disparidade existente entre o desenvolvimento do sul e no Nordeste, e afirmou que inúmeros programas econômicos efetuados pelo governo federal eram responsáveis por manter, e até piorar, essa disparidade, favorecendo o crescimento do Sul à custa do Nordeste” (PAGE, 1972: 85). Dentre as propostas elaboradas pelo relatório, Furtado sugere que para resolver os problemas da região seria necessário:

Uma política de industrialização para área. (2) um projeto de colonização que transferiria gente para fora do Nordeste superpovoado; (3) uso mais racional de terras na zona açucareira; e (4) uma política de irrigação que estimulasse uma crescente produção de alimentos no sertão. A elaboração e execução desta grande estratégia seria da responsabilidade de um novo órgão federal, com amplos poderes e grandes recursos financeiros à sua disposição (PAGE, 1972: 85-86).

Se para obter tais resultados era necessário a criação de um novo órgão federal responsável pelo desenvolvimento da região, a início de 1959, JK autoriza a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Apesar do projeto ser inovador a criação da SUDENE expressa a política de improvisação do governo Juscelino. O historiador Thomas Skidmore sugere que Juscelino ao adotar essas práticas preferia:

Soluções mais práticas de criar outro órgão para tratar do novo problema. A Sudene [...], foi um exemplo notável. Juscelino passou por cima do pouco eficaz Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), cativo de uma mentalidade corrupta e obsoleta, e criou um novo departamento, dotando-o de um novo nível de liderança e recursos que a velha repartição jamais teve (SKIDMORE, 2010: 224).

⁷ Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo bexiga também pode ser utilizado para definir uma doença infecciosa chamada varíola.

As reportagens produzidas por Antônio Callado foi fundamental para que a população do Brasil tomasse conhecimento dos problemas do Nordeste. Nas matérias, Callado procurou demonstrar uma imagem da região que sofria com os problemas da seca, das altas taxas de mortalidade, analfabetismo e doenças além da ineficiência do DNOCS. As matérias resultaram segundo o historiador Antônio Torres Montenegro em “um movimento dentro do governo Juscelino Kubitschek, que estrategicamente procurava obter o apoio daquele jornal aos projetos que apresentava para responder a grave crise que dominava o Nordeste, ampliada com a enorme seca de 1958” (MONTENEGRO, 2008: 18). Embora as reportagens causassem certo impacto na opinião pública a organização dos movimentos camponeses causaria uma repercussão ainda maior. Passaremos a analisar de forma breve a formação do movimento conhecido como Ligas Camponesas.

3. As Ligas Camponesas

Localizado no município de Vitória de Santo Antão distante 55 km do Recife, o Engenho Galiléia era de propriedade do latifundiário Oscar de Arruda Beltrão. Em 1930 o engenho parou sua produção de açúcar e o seu proprietário resolveu distribuir suas terras entres os moradores na condição de mensamente os rendeiros pagariam ao administrador do engenho uma taxa em dinheiro ou em colheita. Conforme descrevemos anteriormente a situação dos moradores de Galiléia não era muito diferente dos demais camponeses do Nordeste. A difícil situação do povo galileu fez com que José dos Prazeres mais conhecido como Zezé da Galileia, junto a outros moradores organizassem em torno de uma cooperativa. Esta associação permitiria “estabelecer um fundo que seria utilizado para contratar uma professora para as crianças e para formar uma cooperativa de crédito para a compra de sementes e implementos” (PAGE, 1972: 53), ou seja, através de um programa de mensalidades entre os moradores de Galiléia eles poderiam ter acesso a alguns benefícios que até então não tinham: construção de uma escola e contratação de uma professora, acesso a sementes e materiais agrícolas para garantir uma melhor colheita. A criação dessa cooperativa garantia aos camponeses acesso a razoáveis condições de vida.

Assim Zezé da Galileia e outros camponeses formaram em meados da década de 1950 a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco – SAPPP. Oscar Beltrão havia sido convidado para ocupar a presidência de honra daquela sociedade. Embora aceitasse a homenagem Oscar foi logo avisado por outros latifundiários e que aquela organização possuía características subversivas e até mesmo comunista. A relação entre Oscar

Beltrão e os camponeses terminou com o latifundiário expulsando os moradores do engenho e ordenando que aquela associação fosse dissolvida.

Oscar não contava com a resistência dos camponeses e resolveram não aceitar a ordem de despejo e assim resolveram buscar auxílio junto às autoridades públicas. Inicialmente foram buscar ajuda com o governador Cordeiro de Farias⁸, um conservador, onde não obtiveram grandes resultados. Os galileus procuraram advogados que exigiam pagamentos absurdos a realidades dos camponeses. Quando todos os caminhos pareciam ter chegado ao fim os galileus chegaram ao advogado e deputado estadual Francisco Julião.

O pontapé inicial dos moradores do Engenho Galiléia em formar uma sociedade é considerado um ponto importante na luta dos camponeses por melhores condições de vida. A organização dos camponeses representa um importante passo na luta por melhores condições de vida e pela reforma agrária. Essa marcha de mudanças passou a ter importante destaque na imprensa, inclusive logo depois da realização do Congresso da Salvação do Nordeste em 1955 e do I Congresso dos Camponeses em Pernambuco, ambos organizado pela SAPPP.

Retornando as reportagens de Antônio Callado vemos que o jornalista demonstrou ter uma grande admiração na luta dos camponeses em Galiléia. Em suas reportagens Callado procurou registrar os anseios dos moradores de Galiléia, relatando inclusive algumas práticas de exploração utilizadas pelos latifundiários:

Se uma agência responsável solicitasse das Nações Unidas uma investigação sobre as condições de trabalho no Nordeste do Brasil íamos passar por uma grande vergonha. As Nações Unidas nos incluiriam entre as zonas do mundo onde ainda permanece em vigor o trabalho escravo. As investigações poderiam começar pelos acontecimentos de há quatro anos, no Engenho da Galiléia, município pernambucano de Vitória de Santo Antão, famoso como centro de produção da cachaça Pitú⁹.

As condições de trabalho que eram submetidos os moradores de Galiléia nos remete a uma breve reflexão em torno do cambão. Estabelecida aos finais do século XIX, logo após a abolição dos escravos, esta prática consistia em uma relação entre o proprietário de terra e o rendeiro. A palavra tem sua origem de uma ferramenta a que se atrelam dois bois, a canga. O cambão “passou a descrever um arranjo de contrato pelo qual o rendeiro, em vez de pagar a renda em dinheiro ou em colheitas, tinha de trabalhar vários dias por semana, sem pagamento, para o proprietário” (PAGE, 1972: 36). A prática foi denunciada por Callado na reportagem do *Correio da Manhã* no dia 18 de setembro de 1959:

⁸ Foi governador de Pernambuco entre os anos de 1955-1958.

⁹ **Despertar em Pernambuco. Homens livres no Engenho Galileia. Francisco Julião e o velho Zezé.** Correio da Manhã (primeiro caderno). Rio de Janeiro, 17 set. 1959. N. 20.392, capa.

O cambão, ainda em pleno vigor no Nordeste, é uma sobra direta dos dias da escravidão. É um dia – ou mais dias – de trabalho gratuito que o foreiro dar ao dono da terra. Há proprietários que só alugam a terra a troca do cambão. Não cobram foro ao foreiro, cobram-lhe trabalho¹⁰.

A realidade do campo vai sendo apresentada e os leitores vão construindo suas interpretações sobre a situação do Nordeste. Segundo o historiador Pablo Porfírio as reportagens produziram:

Indignação em face da situação de extrema pobreza daqueles trabalhadores. Outros podem também ter se indignado, porém ficaram receosos com o possível caráter revolucionário, apresentado pelo jornalista. Ou ainda, devem ter existido aqueles que consideravam a organização dos camponeses no Engenho Galiléia com algo que subvertia a ordem, uma atividade de cunho comunista, e por essa razão deveriam ser reprimida (PORFÍRIO, 2009: 31-32).

As matérias de Callado sobre os moradores do Engenho Galiléia obteve o sucesso desejado pelo jornalista em passar aos brasileiros as precárias condições que viviam os moradores de alguns engenhos no Nordeste. Ainda em 1959 os galileus obtiveram uma importante vitória ao conseguirem o direito de possuírem as terras antes pertencidas ao Oscar Beltrão. A 07 de dezembro deste mesmo ano a Assembleia Legislativa de Pernambuco votou a favor do projeto nº 264 de autoria do deputado Carlos Luiz, que desapropriava as terras do Engenho Galiléia.

A partir desta vitória Francisco Julião resolveu ampliar a influência das Ligas no Nordeste. Em seus discursos aos camponeses incitava os mesmos a seguirem os exemplo de Fidel Castro e Mao Tsé-Tung, e que só haveriam mudanças quando os camponeses adotassem o modelo das revoluções cubana e chinesa. Ao termino do ano de 1961, Julião pregava a necessidade de uma revolução no Nordeste e esta se espalharia pelo resto do Brasil. Mudanças radicais só poderiam ser obtidas com “o resultado da pressão das massas; e tendo em vista a resistência inevitável daqueles que agora estavam no poder, era impossível que esse processo fosse pacífico” (PAGE, 1972: 68). A vitória dos camponeses e os discursos inflamados do seu principal líder provocaram atenções no outro lado do hemisfério.

4. Os Estados Unidos e a América Latina

A política norte-americana para os países da América Latina é de profundo desinteresse no início dos anos 50. Apesar da contribuição de alguns países latinos nos esforços da Segunda Guerra Mundial – como é o caso do Brasil – os Estados Unidos

¹⁰ **Cambão: resíduos da escravidão no Nordeste. Prova de identidade: recibo das sociedades mortuárias.** Correio da Manhã (primeiro caderno). Rio de Janeiro, 18 set. 1959. N. 20.393, p. 09.

procurava manter uma relação de interesses econômicos específicos e intervenções militares no continente quando algum problema ameaçava sua soberania. Segundo Robert Kennedy, procurador geral dos Estados Unidos no governo de seu irmão John F. Kennedy¹¹, seu país havia no passado agido como,

“protetores” da estabilidade do Hemisfério, intervindo militarmente em nações latino-americanas vinte e uma vezes só no período de 1898 a 1924; e muito frequente nossa grande força foi usada, não para colaborar com a liberdade e com as aspirações dos povos latino-americanos, mas, em nome da estabilidade, para proteger nossos interesses econômicos de curto prazo (KENNEDY, 1968: 21).

Henry Kissinger, Secretário de Estado do governo de Richard Nixon¹² afirmou em 1969 numa conversa com o chanceler chileno Gabriel Valdés que “nada importante pode vir do Sul. A história nunca foi feita no Sul. [...] O que acontece no Sul não tem nenhuma importância” (FICO, 2008: 20). Do mesmo modo afirmava o então Secretário de Estado do governo Eisenhower¹³, John Foster Dulles que na América Latina “Os Estados Unidos não tem amigos, tem interesses” (BANDEIRA, 1978: 383). Esses exemplos demonstram como a política estadunidense não pautava em sua agenda os problemas relacionados a continente. O historiador Carlos Fico comenta que as relações entre os países era de “sugestões e conselhos baseados no receituário de internacionalização da economia mundial” (2008: 20). O pós-guerra trouxe mais oportunidades econômicas aos países ocidentais da Europa ajudados pela política de recuperação econômica denominada de Plano Marshall¹⁴ do que para os países da América em si. O próprio Secretário de Estado por muitas vezes protagonizou lastimáveis episódios com os embaixadores dos países latinos. A citação abaixo demonstra como os Estados Unidos interagiam com os países latinos:

Foster Dulles convocava os Embaixadores latino-americanos não para discutir e sim para comunicar as decisões que o Departamento de Estado tomava em nome do Continente. Entrava na sala da Conferência, não apertava a mão de ninguém, transmitia aos diplomatas a sua resolução e saía da mesma forma, sem ouvir qualquer opinião e apenas fazendo um aceno com a cabeça (BANDEIRA, 1978: 377-378).

Quando não intervinham no continente por interesses, os Estados Unidos aplicavam formulas prontas para um continente diversificado¹⁵, transformando os países latinos em uma

¹¹ John Fitzgerald Kennedy foi presidente dos Estados Unidos entre 1961-63.

¹² Richard Milhous Nixon foi presidente dos Estados Unidos entre 1969-1974.

¹³ Dwight David "Ike" Eisenhower foi Presidente dos Estados Unidos entre 1953-1961.

¹⁴ Plano econômico elaborado pelo general George Marshall em 1947, tinha como objetivo financiar a reconstrução da Europa por meio de ajuda econômica dos Estados Unidos.

¹⁵ Por ser um vasto continente as porções central e sul continham suas próprias instituições políticas, história, níveis de renda, educação, densidade demográfica, taxas diferenciadas de natalidade e mortalidade e modos de viver. Ressaltamos que muitos países da América Latina possuem vários costumes em um mesmo território.

espécie de rebanho sem vontade ou autonomia. Essa política de abnegação resultou em um crescente sentimento de antiamericanismo espalhado pelo continente, experimentada na prática pelo então vice-presidente do governo Eisenhower, Richard Nixon quando realizou uma viagem pela América do Sul no ano de 1958. Ao visitar à Argentina para acompanhar a posse do presidente eleito Arturo Frondizi sua chegada ao país provocou uma série de distúrbios: “Ele recebeu apupos (e até mesmo cusparadas) por onde passou” (Idem). Em Lima, capital do Peru “não conseguiu sequer atravessar as portas da Universidade de São Marcos, barrado pelos próprios estudantes, que consideraram sua presença indesejável” (ibidem). Mas foi na Venezuela que se viu numa encruzilhada, quando os motins provocados por estudantes e operários daquele país fizeram com que os Estados Unidos enviasse tropas de assalto aerotransportadas (paraquedistas) para realizar a escolta do vice-presidente (ibidem). Esses eventos demonstram como a imagem dos norte-americanos estava bastante desgastada no continente, acentuada pela política de baixa assistência econômica que este país prestava aos seus vizinhos.

O crescimento deste sentimento antiamericano no hemisfério alertaram o governo de Washington para uma possível introdução do comunismo no continente. A Revolução Cubana acendeu a luz vermelha do real perigo que imperialismo norte-americano estava correndo. Em 1º de janeiro de 1959, Fidel e Raul Castro junto a Che Guevara e um punhado de guerrilheiros derrubaram a ditadura de Fulgencio Batista. Embora não representasse muita importância no começo, em meados de 1961 a situação piorou para os Estados Unidos quando viram a Guerra Fria chegar em seu quintal. Em abril deste mesmo ano Fidel Castro decidiu formalizar a implantação do socialismo em Cuba, estabelecendo acordos com a União Soviética. A partir deste momento a política econômica estadunidense para seus vizinhos sofreu uma considerável mudança, principalmente quando explodia no continente uma série de movimentos tidos como revolucionários inspirados nos guerrilheiros cubanos.

5. Os Estados Unidos e o Nordeste do Brasil

Em 30 de julho de 1961 desembarcou na cidade do Recife o então promotor-assistente no Estado de Massachusetts, Edward Kennedy, irmão e emissário especial a uma viagem pela América Latina do presidente John Kennedy. A programação oficial de Edward no Estado, divulgada pelo Jornal do Commercio em 30 de julho, incluía uma visita a trabalhadores da Usina Tiúma, um encontro com Gilberto Freyre, Celso Furtado e outras personalidades em

bairros populares do Recife e alguns outros compromissos¹⁶. Entretanto o representante do governo americano apresentou um ponto de proposta que não constava em sua programação oficial: conhecer o Engenho Galiléia. Supomos que a decisão de visitar o local foi tomada na noite em que o governador de Pernambuco Cid Sampaio ofereceu um jantar ao seu ilustre convidado. Algumas horas antes da cerimônia os dois se encontraram as portas fechadas no escritório particular de Cid e terminada a conversa nenhuma declaração foi feita a imprensa sobre os assuntos debatidos¹⁷. Na segunda-feira 31 de julho partiu a comitiva estrangeira em direção ao Engenho Galiléia.

Ao chegar no local Kennedy pode comprovar o que antes só havia tomado conhecimento nos noticiários do seu país. Em 1960 um jornalista do *The New York Times*, Tad Szulc “foi enviado a região Nordeste, notadamente Pernambuco, para observar de perto os movimentos sociais organizados pelos camponeses e que ganhavam tanta repercussão” (PORFÍRIO, 2009: 47-48). Szulc ao chegar no Recife procurou conhecer algumas características daquela cidade que tanto chamava atenção naquele momento. O ponto alto de sua visita sem dúvida foi a visita ao Engenho Galiléia onde teve a oportunidade de colher importantes depoimentos.

O material recolhido pelo jornalista rendeu uma série de matérias publicadas no *New York Times* entre os dias 31 de outubro e 1º de novembro de 1960, tendo um notável destaque na capa do citado jornal. A repercussão do seu artigo “*A pobreza do Nordeste do Brasil gera ameaça de revolta*” foi ampla entre os leitores. Neste o autor procurou passar uma imagem que naquela região do Brasil estava em curso uma marcha revolucionária provocada pelos camponeses, cujo os faróis que iluminavam o caminho da revolução eram figuras como Fidel Castro e Mao Tsé-tung:

Os componentes de uma situação de revolução tornam-se cada vez mais visíveis na vastidão de um Nordeste brasileiro assolado pela pobreza e perseguido pela praga seca. [...] A miséria como questão social é explorada através de uma crescente influência esquerdista nas cidades superpovoadas. As Ligas Camponesas infiltradas por comunistas que organizam e doutrinam, têm se tornado importante fator político nesta área. [...] O primeiro ministro de Cuba Fidel Castro e Mao Tsé-tung o presidente da China Comunista são apresentados como heróis a serem imitados pelos camponeses do Nordeste [...] (PORFÍRIO, 2009: 48).

¹⁶ **Snr. Kennedy chega hoje à tarde: programa e segurança planejados.** Jornal do Commercio. Recife, 30 jul. 1961. Ano XLIII, nº 173. p. 09.

¹⁷ **Foi longa e reservada a Conferência do Snr. Kennedy com Governador.** Jornal do Commercio. Recife, 02 ago. 1961. Ano XLIII, nº 174. p.04.

Naquele momento a opinião pública norte-americana tomou conhecimento que o Nordeste caminhava a passos largos em direção a uma revolução. Os problemas naturais na região, neste caso a seca, estava dando margem para que grupos esquerdistas se formassem para lutar naquele local. Figuras de Fidel e Mao eram citadas como exemplos a serem seguidos pelos camponeses. John Kennedy acompanhou de perto a escalada desses movimentos no Nordeste, como descreve Joseph Page: “O interesse do presidente Kennedy era resultado direto da enorme influência do jornal The New York Times” (1972: 28). As precárias condições que estavam submetida a população do Nordeste nos leva a refletir que a pobreza seria uma ótima fomentadora de revoluções. Preocupado em evitar novas revoluções socialistas principalmente em países de grande influência na América Latina como no caso do Brasil, em 13 de março de 1961 Kennedy anuncia um programa de ajuda econômica sem precedentes na história do continente. Este pretendia realizar um “enorme esforço de cooperação, sem paralelo em sua magnitude e na nobreza de seus propósitos a fim de satisfazer às necessidades fundamentais dos povos das Américas, as necessidades fundamentais de teto, trabalho e terra, saúde e escolas” (KENNEDY, 1962: 50). O programa ficou historicamente conhecido como Aliança para o Progresso.

6. Considerações finais

A Aliança surge em um determinado momento que o mundo caminha a beira de uma guerra total entre os Estados Unidos e a União Soviética. Na Europa a crise de Berlim com tanques americanos e soviéticos estacionados frente a frente esperando a ordem de ataque resultou na criação dos maiores símbolos da Guerra Fria. Em 13 de agosto de 1961 foi construído o Muro de Berlim fechando “a última fronteira indefinida entre Oriente e Ocidente na Europa” (HOBSBAWM, 1995: 240). Na América Latina o fracasso da invasão dos dissidentes cubanos a Bahia dos Porcos elevam as tensões entre as superpotências militares levando os Comunistas a declararem que qualquer agressão contra Cuba resultaria numa intervenção militar daquele país: “Khrushchev surpreendeu a todos quando declarou que qualquer agressão a Cuba poderia ser respondida militarmente pela União Soviética” (FICO, 2008: 23-24).

Embora o programa da Aliança para o Progresso contemplasse boa parte dos países latinos o Nordeste do Brasil foi definido como prioridade pelo presidente Kennedy. O economista e superintendente da Sudene Celso Furtado realizou uma viagem para os Estados

Unidos onde se encontrou com o Kennedy para definir alguns pontos de interesses entre os governos americano e brasileiro. Na oportunidade Furtado apresentou ao chefe daquela nação “seu plano de 500 milhões de dólares, de cinco anos, para o desenvolvimento do Nordeste¹⁸. Em 17 de julho de 1961 a Casa Branca anunciou que a região contaria com ajuda de aproximadamente 900 milhões de dólares em cinco anos¹⁹.

Os interesses dos americanos no Nordeste é claro quando observamos o avanço dos movimentos revolucionários na região. A criação da Aliança surge como uma “possibilidade de resposta estratégica ao contágio da revolução cubana” (PORTANTIERO, 1989: 345). Em Pernambuco é instalada uma missão especial da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) para coordenar os trabalhos da Aliança. Por fim, acreditamos os acontecimentos iniciados com a Revolução Cubana em 1959 contribuíram para que os Estados Unidos revissem suas políticas em relação os países do continente, embora reaproximação tinha um claro interesse em manter sua hegemonia imperialista entre os países latinos, mesmo que em determinados momentos não hesitassem em apoiar golpes e regimes militares.

¹⁸ **Celso falará com Kennedy sexta-feira. Apresentará plano para desenvolver área nordestina.** Jornal do Commercio. Recife, 13 jul. 1961. Ano XLIII, nº158. Capa.

¹⁹ **O Nordeste brasileiro seria a primeira área de prova da Aliança para o Progresso Latinoamericano.** Jornal do Commercio. Recife, 18 jul. 1961. Ano XLIII, nº 162. p.05.

7. Referências

- BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes. A revolução sem violência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FICO, Carlos. **O Grande Irmão. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GRYNSZPAN, Mario. DEZEMONE, Marcus. **As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro: Ligas Camponesas, comunistas e católicos (1950-1964)** in FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão (orgs). **As Esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KENNEDY, John F. **Pensamento e ação do presidente Kennedy**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1962.
- KENNEDY, Robert. **O desafio da América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1968.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia e Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.
- PAGE, Joseph A. **A Revolução que Nunca Houve. O Nordeste do Brasil 1955-1964**. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- PORFÍRIO, Pablo. **Medo, Comunismo e Revolução. Pernambuco (1959-1964)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- PORTANTIERO, Juan Carlos. **O Marxismo latino-americano** in HOBBSBAWM, Eric J. [et al.]. **História do Marxismo: O Marxismo hoje (vol. XI)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930-1964)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Fontes primárias impressas

Arquivo Público da Biblioteca Nacional (Versão online)
Jornal Correio da Manhã – setembro de 1959

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

Jornal do Commercio – julho e agosto de 1961